Apresentação

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/362>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.362

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Edição impressa

Data de publicação: 1 janeiro 2004

ISSN: 1519-1265

Referência eletrónica

«Apresentação», *Terra Brasilis* [Online], 6 | 2004, posto online no dia 05 novembro 2012, consultado o 05 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/362> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.362>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2022.

All rights reserved

Apresentação

- 1 Ao justificar uma afirmação feita em *O Pensamento Selvagem* – a de que a etnologia seria, antes de mais nada, uma “psicologia”– Lévy-Strauss utilizou um argumento interessante, que vale aqui retomar. Em sua opinião, a afirmação não seria nem um pouco exagerada, a não ser que se reduzisse a etnologia à coleta de objetos destinados aos museus. Mas a partir do momento em que se passa a olhar tais objetos como “*pensamentos de alguma forma materializados*”, a aproximação ganha sentido. Nesta perspectiva, o que o etnólogo sai a procurar a milhares de quilômetros de casa, ou mesmo perto dela, são “*meios suplementares para compreender como o espírito humano funciona*” (fazendo, assim, uma espécie de psicologia). E finalmente, acrescenta ainda o grande pensador francês, “*o que já é verdade com relação aos objetos é mais verdadeiro ainda quando consideramos as crenças, os costumes e as instituições*”.¹
- 2 Frente a essas considerações, como situar a geografia? Já foi observado que ela não possui um derivativo capaz de designar os discursos e encaminhamentos metodológicos acerca dos estudos concretos que realiza, tal como dispõe a história através da rubrica *historiografia*.² Tal fato parece indicar a força da tradição empirista presente na disciplina, em que pesem os avanços conceituais realizados ultimamente. A identificação da geografia com a dimensão fático-material da realidade é fruto de uma longa trajetória disciplinar que não caberia discutir aqui. Importa, no entanto, apontar que certas ênfases excessivas por ela cultivadas – no presente, no concreto e no visível, para citar as mais notáveis –, não deixam de criar dificuldades epistemológicas que, no limite, a colocam na posição criticada por Lévy-Strauss (ou seja, a de não conseguir enxergar além da expressão física dos objetos). Dificuldades de tal natureza representam um desafio que pode ser enfrentado com a ajuda da história do pensamento geográfico, em sua interface com outras áreas do conhecimento e alguns subcampos disciplinares.
- 3 Explorar tais regiões fronteiriças tem sido um das maiores preocupações de *Terra Brasilis*. Na presente ocasião, a oportunidade que se abre é o tema das representações geográficas, aqui entendidas num sentido amplo, em contraposição ao registro objetivo da realidade. São percepções organizadas pelos sentidos e pela imaginação, mas que nem por isso se prestam apenas a abordagens estetizantes ou impressionistas. Ao contrário. Convém contextualizá-las sempre, pois não raramente expressam uma ótica

colonizadora ou determinados projetos políticos, como fica patente em alguns artigos apresentados neste número.

- 4 As representações geográficas examinadas nas páginas que se seguem versam sobre terras incógnitas, a natureza e os habitantes de lugares exóticos, a natureza-espetáculo fabricada pela mídia e, ainda, “essências nacionais” supostamente depositadas no interior do Brasil ou no caráter desbravador de certos personagens de sua história. Todos os textos remetem, direta ou indiretamente, a viagens e expedições, realizadas em épocas distintas e através de diversas latitudes e cenários. Espera-se que o amplo panorama oferecido possa satisfazer ao leitor. Este poderá, como numa viagem, traçar seu próprio roteiro de leitura, mas convém fornecer alguns elementos informativos que orientem tal escolha.
- 5 Este número de *Terra Brasilis* se inicia com um texto de Carla Lois sobre as geografias de Cristóvão Colombo. Partindo das fontes cartográficas e literárias nas quais se teria baseado o navegador genovês, a autora examina suas concepções cosmográficas (que apresentariam tanto uma visão medieval quanto moderna do mundo) e avalia o impacto de suas viagens na formação de uma nova concepção cartográfica, que se costuma creditar somente a Mercator e Ortelius, mais de meio século depois. De forma convincente e elegante, a pesquisadora argentina mostra como os mapas que incorporam a experiência das primeiras viagens ao Novo Mundo – notadamente o de Juan de la Cosa – deslocam o ponto de vista tradicional e constroem novas geografias, não só pelas informações e cosmovisões que proporcionavam mas, sobretudo, pelo vínculo que estabeleciam entre a prática cartográfica e a exploração das *terrae incognitae*, estimulando a própria dinâmica de expansão que então se anunciava.
- 6 No texto seguinte, Jens Andermann debruça-se sobre um tema algumas vezes trabalhado pela historiografia brasileira, mas com certeza nunca esgotado: a expedição ao Planalto Central com vistas a demarcar o local da nova capital do Brasil, conforme estabelecia a Constituição Republicana (1891). Chefiada pelo diretor do Observatório Nacional do Rio de Janeiro, Luiz Cruls, e composta por diversos profissionais, a expedição atualizou mitos geopolíticos do Brasil imperial revestindo-os com o cientificismo vigente à época de sua realização (1892-93). O novo discurso impunha à área em questão uma racionalidade abstrata e utilitária, que encontrava sua melhor tradução numa “geometria natural” na qual o espaço era concebido de forma neutra, segundo uma lógica atemporal capaz de eliminar qualquer vestígio de construção política na base territorial que – conforme esse raciocínio – lhe precedia. Afora o enquadramento geométrico, a expedição se preocupava também em produzir representações do Planalto Central que pudessem se contrapor a imagens desfavoráveis do interior brasileiro, descrito como insalubre e desértico por viajantes da primeira metade do século XIX. Ao dar conta desse conjunto de questões, o autor analisa ainda o rico material iconográfico produzido pela expedição (croquis de caminhamentos e fotografias), desvelando, no caso das últimas, sua composição cênica.
- 7 O terceiro texto, de Sívila Lopes Raimundo, aborda a mitologia construída em torno do bandeirante por autores como Afonso Taunay, Alfredo Ellis Junior e Cassiano Ricardo, entre outros, na primeira metade do século XX. Baseada sobretudo em São Paulo, esta historiografia propõe basicamente uma épica regional sobre a expansão territorial do país, cuja incorporação bem sucedida no imaginário nacional – frente a outras alternativas – constitui um tema de interesse inegável. O caminho escolhido pela autora é o exame dos discursos utilizados na criação de uma matriz de identidade regional /

nacional referenciada na vila de São Paulo de Piratininga, considerada o núcleo original do território nacional, e na figura do bandeirante, apontado como o agente responsável pela expansão geográfica do país. O arremate final deste exame é realizado no final do texto, onde a autora discute as representações de natureza e território presentes no acervo do Museu Paulista, reorganizado por Afonso Taunay para a comemoração do I Centenário da Independência.

- 8 Na seqüência, Inês Aguiar de Freitas remete o leitor de volta às grandes viagens marítimas, realizadas desta vez por navios franceses no final do século XVIII e na primeira metade do século XIX. A tese proposta pela autora é a de que alguns estudiosos de história natural embarcados nesses navios desenvolveram conhecimentos sobre a natureza, o homem e o território que os posicionam no limiar da moderna geografia. Diferentemente dos geógrafos tradicionais movidos por preocupações matemáticas e cartográficas (e interessados apenas secundariamente pela história natural), os estudiosos em questão – chamados pela autora de “naturalistas-geógrafos” – teriam preparado o terreno empírico e metodológico sobre o qual se assentaria a ciência geográfica na segunda metade do século XIX. Tratando-se de um texto bastante instrutivo e baseado em extensa pesquisa documental, portador ainda de uma visão historiográfica pouco difundida no Brasil, considerou-se oportuna sua publicação em *Terra Brasilis*.
- 9 Por fim, este número oferece ao leitor o artigo de Thales de Andrade sobre a representação da natureza brasileira pelo jornalismo televisivo no Brasil dos anos 70. A escolha do autor recai sobre o programa *Amaral Netto*, o *Repórter*, o primeiro a levar o espetáculo natural ao cotidiano dos lares brasileiros. Porta-voz do regime militar e suas “ideologias geográficas”, o programa imprimia um tratamento ufanista e grandioso em suas reportagens, potencializado pelos dispositivos técnicos já disponíveis à época de sua produção. Assim, fenômenos como a *pororoca* dos rios amazônicos são captados com auxílio de equipamentos de áudio (capazes de registrar o “ronco” produzido pelo encontro das águas) e tomadas aéreas feitas em helicóptero. Não escapa ao autor a estética agressiva e a dimensão dramática imposta à narrativa nas reportagens de *Amaral Netto*, característica que aproxima o programa dos espetáculos populares. Há, portanto, todo um aspecto midiático a ser levado em conta na análise, que o autor manipula com segurança e habilidade.
- 10 Ao se concluir esta breve apresentação fica-se com a impressão de proporcionar ao leitor um material rico e de boa qualidade. Se realmente for assim o coletivo de *Terra Brasilis* se sentirá plenamente gratificado.
- 11 A Comissão Editorial

NOTAS

1. LÉVY-STRAUSS, Claude e ERIBON, Didier (1988). *De perto e de longe*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990, p.141.
2. ESCOLAR, Marcelo (1996). *Crítica do Discurso Geográfico*. São Paulo, Hucitec.